



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

## CONSTRUINDO A IGUALDADE DE GÊNERO A PARTIR DO TRABALHO COM A LEITURA EM SALA DE AULA

Rosimeire Simões de Lima

MarliseBuchweitz Klug

(...) As mãos, porém, não tinham a agilidade da cabeça capaz de perceber sutilezas e ardis. As mãos de Joana eram dois calos, dois montes de terra seca, raízes de árvores os dedos, galhos disformes, mãos acostumadas ao manejo da pá, da picareta, da enxada, do facão, do machado – como manejar lápis, caneta e pena? [...] Rompeu mil pontas de lápis, esgarrachou quantidade de penas, estragou toneladas de papel, mas nessa maratona contra o tempo e as mãos inábeis, Tereza foi de exemplar paciência e Joana, convencida pelos argumentos de Lulu Santos, decidira ganhar, vontade de ferro. Começou Tereza por cobrir a mão tratada a torpe de Joana para lhe transmitir leveza e encaminhá-la. (Jorge Amado)

### INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência tem como objetivo retratar a construção de uma prática docente e vale destacar que o tornar-se professor é um processo gradativo e contínuo. Forjado no contexto escolar com as ferramentas ou a instrumentalização que a sala de aula oferece, já que há um histórico de vinte e dois anos trabalhando com alunos em uma constante troca que reverbera em ações, atividades e textos escolhidos.

O primeiro passo do trabalho é observar o assunto mais comentado na turma, verificar quais são os interesses, saber quais são as dificuldades e buscar ouvi-los. Na verdade enxergar o aluno e seu entorno. É preciso saber quem é aquele (a) aluno (a), qual é sua história e quais são seus conflitos. A investigação torna possível a busca ou norteia a direção que devo seguir. O segundo passo é pedir que escrevam sobre suas vidas em forma de diversos mecanismos, desculpas, questionários, relatos, dossiês, livro da vida, fotografia da alma, crachás, memorial entre outras.

As atividades mencionadas possuem o único objetivo de fazê-los pensar sobre suas vivências e histórias. Então desse modo, disponibilizar um variado número de subsídios para conhecer a realidade que estou trabalhando. A leitura de tudo o que escrevem é primordial para que se saiba quem é o público-alvo ou campo de atuação. O material produzido pelos alunos é a base para o conhecimento.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Seria conveniente destacar que os discentes precisam conhecer quem são, e o que desejam ou não para sua vida e seu futuro. Se a escola não proporcionar a oportunidade de integrar e criar oportunidades de conscientização não terá realizado seu papel ou uma das atribuições a que se destina. Após a escrita, o terceiro passo é partimos para consolidar a experiencição da leitura de textos, crônicas, reportagens, atualidades, livros, pesquisas, programas, filmes, documentários entre outros. Como quarto passo espera-se debate, porém o debate regrado com assuntos polêmicos que permeiam os jornais constantemente. Como debatedor o aluno precisa saber formular argumentos orais e escritos e saber inferi-los em diferentes contextos. Não cremos ser possível aprender na teoria e quando de deparar com a prática não ter argumentos para dizer sim ou não dentro de suas possibilidades.

## **METODOLOGIA**

A atitude do professor frente às problemáticas que permeiam o universo da sala de aula precisa ser levada em consideração, pois é a partir das atitudes do professor que o aluno percebe se as teorias se aliam a prática ou se o professor age de modo coerente. Vale destacar comprometimento com o que fazemos. Fica evidente a pretensão de que evoluam e tenham responsabilidades em suas escolhas. Ao observá-los buscamos encontrar textos que tenham sentido. Nesta fase nada é mais interessante que a questão da sexualidade e já aparecem mesmo que subentendidos ou de modo implícito os primeiros sinais de preconceitos. Não há como fugir ou escamotear, pois na sala aparecerá a diversidade. E além da diversidade o que a família traz em relação à questão de gênero e está impregnado nas atitudes dos filhos.

Seria pretensão afirmar, mas ao construir a prática tenho oportunizado textos que ao final do ano os alunos tenham avançado e saibam se mobilizar ao ponto de saber dizer não. Durante o caso Eloá Pimentel, enquanto a mídia explorava a situação, ouvi na rádio um advogado se posicionando sobre a fatalidade que acometeu a vida da jovem. Em suas palavras ele disse que nós teríamos que ensinar nossos filhos a dizer “não”. Parece que ele conseguiu aglutinar várias respostas e perguntas. Tomei para mim a frase e procuro levá-la comigo diariamente para a aula. Se ao ler um texto um aluno refletir sobre questões que repete em suas atitudes e pensamentos estarão contribuindo para a



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

construção de uma sociedade mais justa, ou para a educação de um modo geral. São inúmeros os textos trabalhados em aula durante o ano letivo e durante o ano de 2011 em uma turma de primeiro ano solicitei que produzissem mais de noventa textos. Para nomear um texto polêmico que conheci em uma formação de professores no período das férias de julho de 2011, cuja temática aborda a homossexualidade e traz o título “No país de Blowmink”. Um pequeno fragmento para demonstrar o outro lado, o lado da minoria:

[...] Mesmo assim, as duas mães de Marina pediram que ela não se relacionasse mais com alguém do sexo oposto ao seu. Marina, mesmo sabendo que era normal e igual as outras pessoas, sentiu se indignada por haver sido rejeitada só porque amava diferente, enquanto os amigos que a haviam agredido não tinham sofrido qualquer repressão [...]

Os alunos sentem-se incomodados e repetem cliclês e frases prontas trazidas de casa e de suas vivências.

Apresentamos agora o trabalho realizado com o filme “Vida Maria” A atividade de escrita baseando-se na memória de alfabetização dos alunos do ensino médio e EJA foi realizada no mês de março e abril. O mote utilizado para a escrita foi o filme que possui a duração de oito minutos e trinta e quatro segundos, lançado em 2006, cujo autor e diretor Márcio Ramos traz a sinopse:

“Maria José”, uma menina de cinco anos de idade é levada a largar os estudos para trabalhar. Enquanto trabalha, ela cresce casa, tem filhos, envelhece. “Vida Maria” é um filme curta-metragem em animação resultado de um projeto premiado com nota máxima na categoria ficção-animação -35 mm, no edital 3°. Prêmio Ceará de cinema e vídeo, do Governo do Estado do Ceará. Produzido em computação gráfica 3D e finalizado em 35 mm, “Vida Maria” mostra personagens e cenários modelados com texturas e cores pesquisadas e capturadas no Sertão Cearense, no Nordeste do Brasil, criando uma atmosfera realista



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

e humanizada. [...] Encerrou sua carreira de festivais de cinema com mais de cinquenta prêmios nacionais e internacionais, se tornando um dos filmes mais premiados do Brasil. Sua comunicação fácil com o público consegue cativar a mais variada audiência, independente de sua idade, classe, cor, credo, ou nível de escolaridade. "Vida Maria" abre espaço para o debate e tem servido de matéria de apoio e tem servido de material de apoio a mestres e alunos, em projetos sociais, escolares, universitários, palestras, cursos variados, órgãos governamentais e não governamentais por todo o "Brasil".

Foi apresentado em sala de aula, no salão da escola e em notebooks para que todos tivessem a oportunidade de assistir. Em seguida a exposição do filme cada turma debateu e destacou a ligação do conteúdo do filme com suas memórias e deste modo com as mulheres 'Marias' de sua vida. Além de comentar os aspectos que consideraram relevantes ou que chamaram a atenção.

Em primeiro lugar, a tarefa proposta era resgatar todo o processo de alfabetização que passaram. Destacar fatos relevantes, pensar se havia livros na infância, se foi difícil aprender a escrever e ler, qual a importância da leitura e escrita na vida.

Relembrar se todas as mulheres da família ou de seu entorno passaram pela alfabetização, escrever o modo como a leitura e a escrita pode romper com significativos modelos de opressão que nos rodeiam. Sempre surge alguma resistência, mas o filme é mobilizador. Provoca o expectador a refletir sobre as inúmeras vidas privadas do conhecimento adquirido na escola. Escreveram seus memoriais e é curioso como em praticamente todos os textos revelam seus universos letrados e de avós, parentes que passaram uma vida de privações por conta da opressão, ausência de direitos básicos que hoje é garantido por lei. Serviu com parâmetro para pensarem a época em que vivem e tudo o que significa o letramento na vida de uma pessoa. No filme é mais focado o caso das mulheres, mas se refletiu sobre os homens e os meninos da sala que estão inseridos na turma dos 'sem'. Sem escolarização, trabalho, perspectiva



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

e o papel da escola e da família na mudança deste cenário. O protagonismo que podemos ter em nossa vida e o rumo que daremos a ela baseado em esforço e determinação.

O encantamento do filme Vida Maria pode estar na simplicidade e ao mesmo tempo na singular vida das personagens. Singular, modo de dizer, plural seria o correto, pois são vidas que aleatoriamente surgem e extinguem-se nas escolas, nas vidas e nas vidas das protagonistas.

Ao longo da exibição podemos observar a cronologia dos fatos com a infância retratada pela Maria na janela desenhando nome. Uma infância de ausências. Ausências de brinquedos, cores, mas não deixa de ser uma infância. Entre um afazer e outro surge o momento fugaz em que pega o caderno e se transporta para outro lugar: o mundo das letras.

Um mundo de curiosidades nos olhos, uma vastidão de experiências pela frente quando a mãe de Maria de Lurdes, lembrando já foi uma Maria também irrompe aquele terno espaço de tempo e a arranca literalmente da tentativa de inserção no universo da escrita. Maria no conforto do parapeito da janela ajoelhada no banco se olhar para a sua frente terá o horizonte enquanto que o papel lhe resgata a atenção para outra possibilidade.

No momento em que é advertida por sua mãe abandona o caderno, com destreza sai correndo para cumprir as tarefas do dia que não terão fim em sua vida, apenas uma continuação. É preciso tratar os bichos, tirar a água do poço, e outros tantos precisos no cotidiano da pequena Maria que já abdicou do lápis e corre porque a mãe não poder esperar e ela não pode permitir o luxo de ficar desenhando o nome.

Talvez um pouco arraigada a cultura nordestina como poderia ser outra, quando pedem a bênção dos pais e mais velhos, o tratamento de senhora ou senhor, o delicado afã de uma obediência cega, sem questionamentos. A imposição nos olhos da mãe a amargura dos anos, a tristeza das agruras já impregnadas na retina olha para a filha com o rancor de quem está desperdiçando tempo e talvez sua memória capture o momento em que também ajoelhou no mesmo banco e desenhou no parapeito da janela seu nome.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A reprodução do que fazemos muitas vezes está intrínseca e sem pensar repetimos os mesmos conceitos e modos de fazer como se fossem os únicos e aceitamos os rótulos como se estivessem corretos. Não permitimos ousar não aceitamos o desafio do novo.

Voltando ao filme o autor revela a passagem do tempo mostrando a Maria de Lurdes com uma lata de água na cabeça e quando olha vê Tonho chegando com seu pai. O rapaz mostra a gentileza sempre presente na conquista e se oferece para levar a lata. Ela em um dos raros momentos em que sua voz é suave e os olhos transparecem a doçura diz: Não precisa não, Tonho. Vale destacar a maneira rude com que foi tratada a vida toda em contraposição quando aparece um olhar que a enxergue e ainda se ofereça a carregar o fardo que lhe coube ao nascer mulher, pobre, sem perspectivas e a mais lamentável de todas sem o direito de ter escolhas. Apenas cumprir o ciclo de sua Vida Maria igual a de outras Marias.

Nas seguintes cenas, subtende-se casada e morando na mesma casa de sua infância, sugere o cenário que nunca saiu daquele território tudo parece igual. Grávida, muitas vezes a cena se repetirá e mudará apenas a estampa do vestido e as expressões de envelhecimento no rosto e do cabelo.

Conforme passa o tempo um encrudecimento da pele e do semblante; se acentua a amargura e aos poucos cumpre o ciclo de crescer e se multiplicar, com uma mão de pilão socando um alimento. Ao ritmo seco do som do pilão confunde-se a aspereza da sua história. O peso da tarefa bruta de socar os grãos de milho até se transformarem em canjica, ou até o arroz perder a casca. Sugere o impacto do homem sobre a natureza, a imposição de forjar o alimento, das necessidades básicas de alimentação. Passa a mão na testa para afastar o suor. Já vem da predestinação bíblica “ganharás o pão com o suor do seu rosto”. E prossegue agora varrendo o quintal no afã de humanizar a aridez da seca, o capricho com a área externa da casa, a continuação seria a área de lazer, local das rodas de conversa, dos esporádicos descansos, espaço para receber visitas e aproveitar a sombra da árvore que acompanha a narrativa.

O tempo aparece implacável e descortina aos poucos com um “bença mãe” e os filhos entram na pequena casa pela porta principal aparentemente possui janelas



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

somente na frente. Acontece o velório da mãe de Maria de Lurdes e surge na tela a cena que surpreende e retoma o fio condutor da história. Novamente a caçula da família está alheia ao que acontece na peça ao lado ajoelhada no banco absorta em seu mundo desenhando nome nem percebe a aproximação de sua mãe que a arranca da ficção para a realidade e lhe atribui os afazeres como uma cima. Assustada a menina sai correndo, pois é a única opção que lhe resta e o vento aos poucos passa as páginas escritas do caderno com as muitas Marias que passaram por ali e deixaram apenas uma marca na folha em branco, apenas uma Maria sem sobrenome, sem identidade, apenas difere o segundo nome.

Uma mistura de tristeza, indignação e outros sentimentos tomam conta de quem assiste, um desejo de mudar o que sugere ser imutável, o destino e a história de meninas e meninos cujo tempo de vida e as condições que lhes são infligidas não são permitidos viver a infância e esse tempo efêmero que constituirá todas as outras fases da vida. O período mais delicado em que a fragilidade que separa o mundo infantil do adulto é constantemente violada pela imposição da força de um adulto e geralmente os mais próximos e os que deveriam ser os responsáveis. Quando o vento toca as páginas e lentamente os nomes surgem em escritas garatujas, disformes, com potencial de escreverem suas histórias, seu presente e futuro ou rememorar o passado. Parecem lápides que guardam ou encerram vidas abortadas antes de nascerem quando nem bem despontavam foram todas tolhidas na raiz, na infância tenra e desfolhadas nas folhas de um caderno velho, mas com a possibilidade de uma página em branco.

Assim busca-se realizar o trabalho em sala, com vistas a que os homens e mulheres entendam ou percebam que muitas questões vão além do que parece; muitas estão arraigadas em sua formação familiar e é preciso repensá-las para simplesmente não reproduzi-las.

No ano de 2012 lancei a proposta para a escrita e a participação da oitava edição do concurso Construindo a Igualdade de Gênero e para minha surpresa todos participaram, porém quando descobrimos que teria que ser um texto com mil palavras surgiram as reclamações de sempre. Disseram que seria impossível, que ninguém teria tantos argumentos, que não tinham como digitar, que seria difícil contar entre outras



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

tantas que só percebemos que existem quando nos deparamos, aproximamos e enxergamos a realidade presente na vida dos alunos.

Considera-se uma conquista, pois neste contexto com características tão adversas mais de dezessete foram enviados. O melhor prêmio é a satisfação deles ao conseguirem cumprir a tarefa. Não todo dia na vida deles que enviam um texto para um concurso. Tornam-se mais capazes ou pelo menos com a noção de que podem. Essa sensação de empoderamento pela escrita produz. Pode parecer simples, mas ver o aluno evoluir, conseguir dar um passo importante na autonomia da escrita e repensar paradigmas entranhados e repassados por meio do senso comum é de um valor imensurável.

A escrita e o repensar produzem significativas alterações no contexto escolar. A escola cumpre seu papel em incentivar e atuar nessa frente de trabalho por vezes esquecida que é a autonomia e as suas significâncias. O aluno não pode passar o período escolar sem perceber-se e sair da escola sem nela ter estado.

## **RESULTADO DA PESQUISA E DISCUSSÕES**

O resultado deste relato de experiência pode ser um novo olhar sobre as minorias, ou quem sabe a tentativa de fazer um novo caminho. Ao trabalhar em sala com as memórias, com os textos, com o filme Vida Maria, com a matéria prima que é a vida deles ou é fornecida pelos embates diários tenho a certeza de que mudanças favoráveis estão a porvir.

Talvez não seja possível mensurar os resultados através de gráficos, mas a mudança de opinião, fundamentar os argumentos para respostas, eliminar respostas evasivas ou repletas de senso comum, não serem meros repetidores de clichê, não se conformarem ou aceitarem crimes contra os direitos humanos, se indignarem quando em 2012 uma mulher é agredida ou morta sem contar quando são vítimas das violências simbólicas e psicológicas. Saber que são donas (os) de suas vidas que não necessitam viver como suas avós ou mães.

É salutar saberem que todos são capazes de quebrar ou romper com o ciclo de opressão ou dos que não desejam para a construção de suas vidas. Saber não deixar-se





# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

corromper por chantagens e ameaças que tiram o significado e o sentido de inúmeras existências.

Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos. Dos armários tirou as roupas de seda, da gaveta tirou todas as jóias. E vendo que, ainda assim, um ou outro olhar viril se acendia a passagem dela, pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos. [...] Agora podia viver descansado. Ninguém a olhava duas vezes, homem nenhum se interessava por ela. Esquiva como um gato, não mais atravessava praças. E evitava sair. [...] Tão esquiva se fez, que ele foi deixando de ocupar-se dela, permitindo que fluísse em silêncio pelos cômodos, mimetizada com os móveis e as sombras. Uma fina saudade, porém, começou a alinhar-se em seus dias. Não saudade da mulher. Mas do desejo inflamado que tivera por ela. Então lhe trouxe um batom. No outro dia um corte de seda. À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos. Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradar. Largou o tecido em uma gaveta, esqueceu o batom. E continuou andando pela casa de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda. (Colasanti)

Esse poema da autora Marina Colasanti retrata a violência simbólica sofrida dentro de muitos lares e silenciada pela depressão, insegurança, medo, pelo lamento de ter investido em um relacionamento e depois não ter condições de dar um basta. O poema é apenas uma grande ferramenta de apoio que trabalha através do poema, portanto de um modo delicado, mas perspicaz atinge o ponto crucial e comum a vida das pessoas. Todos em aula podem conhecer alguém que passa ou passou por situações semelhantes. O que deve ficar claro é a certeza de que na vida deles, tanto dos meninos



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

quanto das meninas não permitirão nenhum tipo de violência. Vale considerar que alguns não identificam como opressão a atitude do parceiro.

Na ignorância ou falta de experiência acatam simplesmente os desejos do outro, quando percebem já não possuem forças para sair de certos relacionamentos. O pior de tudo é que muitos pensam que não acontecerá em sua vida, atribuem a casos isolados publicados em notícias de jornal ou pela mídia. Meu foco é pegar o local, quantas denúncias foram feitas na delegacia da cidade? Quem eles conhecem que já sofreu algum tipo de violência? Peço que relatem por escrito quando ou se também já sofreram alguma violência? Acredito que é preciso identificar para não permitir reincidências em uma fase tão importante da vida e da formação que é a adolescência. Se permitirem no começo poderão perder longos anos de uma trajetória que não volta, não se repete, mas apenas se esvai no sentido real e figurado também.

## RELATO 1

Comparando minha vida com a de Maria posso dizer que é excelente, tenho mais opção de estudo, tenho apoio de minha família, mas me viro bastante e o suficiente para que eu possa aprender. [...] Não sei o que falar de minha mãe, não lembro muitas coisas, porque quando perdi ela tinha 7 anos de idade. Mas minha mãe passou muito trabalho vou contar o pouco que eu me lembro. Quando morei em Pelotas meu pai tinha um bar e talvez com as brigas que dava ele fechou. Minha mãe era muito doente, meu pai foi muito ruim para ela, muitas vezes ela precisava de remédios e ele não estava nem aí. Eu e o Danilo meu irmão éramos bem pequenos quando ele se separou da minha mãe, nos deixou passando muito trabalho. [...] As pessoas podem não ver o que eu passei, mas minha infância não foi nada legal, eu falo porque eu vivi ela de um jeito diferente. Eu vejo que muitas vezes não dão valor pra gente, sempre dizem que a gente não faz nada, eu dou sempre o melhor de mim, sou uma pessoa muito boa porque não consigo dizer não. Mas tenho muita fé e acredito que não estou passando tudo isso em vão, sei que tenho Deus que é mais forte e além do que eu estou passando, agradeço muito a Deus por que ele tem sido muito bom para mim. [...] Eu sou uma menina muito reservada, até por não ser criada com minha mãe para receber um consolo. Não tive aquela mãe que eu



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

pudesse sentar e conversar. Eu sempre tive aquela vontade de chegar e abraçar a minha mãe como as outras crianças abraçam suas mães. [...]

## RELATO 2

Nasci na cidade de Canguçu, morei no interior da cidade até meus 12 anos. Com 7 anos comecei a estudar com muita dificuldade que passava com minha família que era simples e sem estudo. Na escola passei muita dificuldade porque eu era de origem Alemã e não falava outra língua. [...] Estudei até meus 11 anos, como meus pais eram separados e minha mãe era muito doente tive que sair de casa cedo para trabalhar. Mas mesmo com dificuldades sempre me esforçava para ter boas notas. Com 12 anos eu era doméstica e cuidava de crianças e nunca mais pude voltar aos meus estudos. [...] Quando eu via as pessoas que eram meus colegas na época só formulando sempre pensava, será que um dia esse tempo lindo vai voltar minha vida. [...] Com 14 anos fui morar na cidade, então parecia que meu sonho estava se aproximando de voltar a estudar. [...] Mas infelizmente era uma grande passagem que eu tinha pela frente. Me apaixonei e fui morara junto e passar a ser uma dona de casa. Casei com 14 anos, dali para frente só trabalho nada mais, com 17 anos tive meu primeiro filho, aí as coisas só ficavam mais difíceis e sem tempo algum para pelo menos ler um livro. Eu só vivia para o trabalho e a noite pra meu filho. [...] Eu dizia quando meus filhos estiverem com uma idade que eu possa contar com eles eu quero e vou voltar a estudar. [...] Há 5 anos atrás fiz as provas do ENEM com medo e insegurança que eu achei que não conseguiria passar, mas levantei a cabeça e consegui eliminar todos as matérias só fiquei em ciências. [...] Não leio quase livros, mas com a ajuda de todos consegui me encontrar. Meu dia a dia é bem corrido, mas nos meus domingos vou fazer meus trabalhos pedidos dos professores. Sei que estou de volta em torno de um sonho muito esperado.

## CONCLUSÃO

Minha vida se completa e se funde com a vida de tantas mulheres que nasceram nesse século e tiveram a oportunidade de ver o crescimento e as conquistas. Porém vale lembrar que esse direito foi pensado, gestado, construído. Tenho em minhas mãos uma preciosa oportunidade de trabalhar com a educação e com profissão que oportuniza o contato diário com adolescentes, adultos pessoas que estão em formação e que precisam



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

pensar suas escolhas, pois elas terão reflexo no presente e no futuro e no futuro de seus descendentes. É preciso uma escolha muito consciente e segura. Trabalhar com os inúmeros recursos que os professores possuem na atualidade é um privilégio e não posso perder essa oportunidade de crescer e fazer o grupo crescer também. É um processo gradativo que nos leva a pensar repensar. Os escritos, vídeos, poemas, crônicas, debates entre outros nos permitem tecer um conjunto de argumentos e subsídios para a defesa de nossos posicionamentos e da vida em construção dentro de suas condições peculiares.

## REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Tereza Batista cansada de guerra*, 1972, p.46.
- COLASANTI, Marina. Para que ninguém a quisesse. In: *Contos de amor rasgados*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. pp. 111-2.
- EL-JAICK, Márcio. *No presente*. São Paulo: GLS, 2008. ISBN 978-85-86755-51-4.  
Disponível em: [www.igualdadedegenero.cnpq.br](http://www.igualdadedegenero.cnpq.br). Acesso em: 11/10/2012
- JOUBE, Vincent. *A Leitura*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- KLEIMAN, C. *Oficina de Leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- PÁTIO. Porto Alegre: Artmed. 2008. Trimestral.
- RAMOS, Márcio. *Vida Maria*. Curta-metragem. 3 D. 35 mm. 8 min 34 s. 2006.
- VEJA. São Paulo: Editora Abril. 2010. Semanal.